

# PARODIA

## COMEDIA PORTUGUEZA

N.º 104 — LISBOA, 5 DE JANEIRO

3.  
ANO  
1905



Publica-se às quintas-feiras  
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA**  
PREÇO AVULSO 20 RÉIS  
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

**Assignaturas (pagamento adiantado)**

Lisboa e provincias, anno 32 num. 12000 rs	Brazil, anno 32 num. 10500 rs
Semestre, 20 numeros..... 5500 rs	Africa e India Portuguesa, anno 12000 rs
Cobrança pelo correio..... 500 rs	Estrangeiro, anno 32 numeros. 12500 rs

NOTA — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES  
COMPOSIÇÃO  
**Minerva Peninsular**  
82, Rua do Norte, 82  
IMPRESSÃO  
**Lythographia Artistica**  
Rua do Almada, 32 e 34

### O FRIO

#### Os privilegiados do fogão



Do amigo  
Rob. Burnay.  
Augusto

— So é para mim, mal passado

## RECRIMINAÇÕES DE UM FRIORENTO

Diz um velho adagio que Deus dá o frio conforme a roupa. Muita roupa, muito frio. Pouca roupa, pouco frio. Ha, porém, um lugar da terra, em que o adagio é desmentido, e esse lugar é o nosso. Na nossa terra, com effeito, ha mais frio que roupa.

Sem duvida, uma das nossas mais bellas superstições nacionaes attribue ao clima patrio todos os privilegios de uma natureza essencialmente benigna. Não é, porém, menos certo que em Portugal, quando faz calor faz calor e quando faz frio—faz frio, e não ha duvida que tanto as altas como as baixas temperaturas são essencialmente molestas, quando o homem não lhes resiste senão com adagios. Mas o calor combate-se com ar livre, e tomar o fresco não é acto que reclame uma organização complexa de defeza. Mesmo no Inferno é licito tirar o casaco, pôr-se em mangas de camisa. Não assim o frio. O frio é um inimigo de que não nos defendemos por meios simples, praticos e baratos. A defeza do frio é o agasalho, dispendioso, e é o complicado conforto. A defeza do frio é—o lar.

Ora, o que succede é que possuindo nós a natureza, não possuímos o lar. Quando chega o inverno, o nosso paiz é, de todos os paizes quentes da Europa, aquelle em que se sente mais frio. Enquanto os habitantes de Archangel passam regaladamente as suas noites polares nas suas casas bem quentes, nós, em Lisboa, nas nossas casas geladas—batemos o queixo. Em Paris e em Londres só sentem o frio os miseraveis sem lar. Em Lisboa, arranjam frieiras nas mãos, simplesmente com o estarem um bocado á mesa, os mais ricos senhores.

Convencionou-se que, em um tão doce clima, a idéa do frio era um paradoxo, e em virtude d'este accordo todos nós desdenhamos o frio, mesmo quando elle nos persegue mais cruelmente. Affirmar em Lisboa que ha simplesmente uma corrente d'ar, é formar desde logo contra nós uma corrente de opinião.

Em poucas cidades do mundo o inverno é acompanhado de um tão grande numero de bronchites, pneumonias, pleurisas, constipações, defluxos. Nos nossos theatros tosse-se, de inverno, durante cinco actos consecutivamente. No entanto, só arvoram sobretudos de dia, os casos manifestos de decrepitude. As ventanias mais constantes não conseguem conciliar a unanimidade dos suffragios para que tão somente—se feche uma janella. Entre os que querem janellas abertas e janellas fechadas, na civilização portugueza, ha constantes conflictos, em que estes acabam sem-

pre por ser vencidos.

Onde, porém, se fez completamente o accordo foi na questã da habitação. A casa portugueza foi construida pelo mais estouvado dos architectos—Abril. Não existe n'ella o menor pensamento de defeza; nem contra o frio, nem contra os ladrões. As portas não fecham, as janellas não fecham; mas quando algumas vezes fecham as portas, as janellas, essas, não fecham nunca. A casa portugueza é toda ella frestas.

Por outro lado, em toda a parte é de uso combater o frio com o fogo. A chaminé, o fogão, o brazeiro são os collaboradores indispensaveis do lar, nas longas noites de inverno. Quem diz lar, diz lareira.

Entre nós a lareira é uma instituição de provincia, onde se faz o comer e onde se aquece os pés—biblicamente. Na cidade não existe. Mas assim como não existe a lareira, nos nossos lares não existe a chaminé que illumina e aquece a casa convidando-nos a ficar, a conversar, a trabalhar, a meditar, a scismar. Só modernamente é que começam a apparecer alguns fogões de de petroleo, no meio da hostilidade geral.

O fogo domestico fóra da cosinha, parece-nos uma affronta ao privilegio do nosso clima, uma affectação do domicilio e um perigo. Para os nossos altivos preconceitos, um fogão é uma causa de doenças. Nós ainda hoje alegamos contra o fogão o que no principio do seculo XIX se allegava contra o vapor.

Assim, na nossa casa, temos os pés frios e as mãos frias. Mas que importa, se não faz frio! Na nossa sala de jantar, tiritia-se de frio. Não ha muito ainda, assistimos a um almoço em que os convivas comiam—com as mãos nas algibeiras. Mas que importa, se não faz frio! Trabalhar em casa é conhecer todos os horrores do frio. Ai dos que tem profissões sedentarias! Mas que importa, se não ha frio! se o frio é um absurdo paradoxo! Depois, quando reconhecidamente ha frio e a nossa casa se nos torna manifestamente insupportavel, nós temos um meio simples e pratico de o debellar que é—sahir.

Assim, nós desertamos o lar. Façlem-nos de um lar onde se gela! No verão ainda ficamos em casa, á sombra, preguiçando. No inverno, o nosso primeiro cuidado, depois de um almoço rapido, é vestir a sobrecasaca—e sahir. Sahir é aquecer. Ficar em casa é esfriar. Quem o reconhece? Poucos, raros. Para nós outros, o inverno primaveril é um ponto d'honra, as que prestamos todas as homenagens, mesmo a do nosso bem-estar. Como a guarda em Waterloo, nós morremos—de frio, mas não nos rendemos—á evidencia. Em Portugal, no inverno, supporta-se o frio, sem lar, sem fogões, sem conforto, sem agasalho—

por patriotismo. A' idéa de Patria liga-se esta idéa—Primavera. N'esta ordem de idéas, uma unica coisa nos aquece no inverno— a solidariedade.

Alem da solidariedade, alguns grogs surraterios são as unicas concessões que fazemos ao conforto.

Mas temos nós porventura alguma idea do conforto? Nós cremos que não. Nós não temos em casa calor de nenhum genero. Onde a casa em que simplesmente haja um bom fauteuil? O movel nacional é um instrumento de supplicio. O typo da nossa cadeira é a cadeira de dentista. Quando mobilamos com gosto, não fazemos conforto: fazemos quinquilheria.

Vae longe o tempo em que Ramalho Ortigão debatia estes problemas de estofador no seus magnificos opusculos de critica; mas elles permanecem, com pouco sensíveis differenças, os mesmos. Nós estamos ainda, como n'esse tempo, em materia de conforto, no regimen da sala de visitas, de que bannimos talvez o mogno, os quadros de escama de corvina, os busios e as mangas de vidro, mas á qual conservamos esse ar de não servir, que ella sempre teve. Fóra da sala de visitas, o unico refugio util da casa moderna é a sala de jantar, que, por sua vez, só se recommenda, no ponto de vista do conforto, pelas suas loiças de parede.

Na casa portugueza, hoje como então, falta o lugar de reunião, onde se esteja sem cerimonia e com commo-didade, n'uma boa temperatura, em uma luz discreta, em boas cadeiras que não fiquem e ao alcance de uma boa meza onde haja livros, revistas, jornaes, cestos de costura, cinzeiros e onde se possa sem inconveniente tomar uma chavena de chá.

A nossa casa é ainda o que ha de menos hospitaleiro: não nos convida a nós e não convida os outros. A nossa sala de visitas não é uma sala de receber, mas de despedir. Não sabemos porque as guarnecemos com moveis. Era muito mais logico guarnecel-as com cabos de vassoura. A nossa sala de jantar não é mais hospitaleira, sendo comtudo aquella onde mais familiarmente acolhemos, fazendo sentar os nossos hospedes á roda de uma meza que só teve interesse, emquanto teve de comer, e obrigando-os a fazer em commum commosco uma digestão, para que não demos contribuição alguma.

O unico lugar verdadeiramente hospitaleiro e confortavel da nossa casa é a cama, onde, no entanto, não nos é licito acolher toda a gente e onde, por outro lado, não podemos preencher todos os actos da nossa actividade domestica.

Fóra da cama, o unico lugar onde sentimos calor é—a rua. A falta de melhorar, a rua, em Portugal, é, afinal, o lar de toda a gente.

JOÃO RIMANSO.

**Camões phantasma**

Camões estava em sonneca a mais completa  
No poiso que lhe deu gente devota;  
Mas acordou, ouvindo a bicycleta  
Que guinchava por conta d'um janota:  
Estranhou o clangor d'esta trombeta,  
«Isto é progresso!» disse e tomou nota;  
«E, apenas eu poder, irei, phantasma,  
Ver essas coisas de que o mundo pasma.»

E o divino cantor, mestre da rima,  
Embora um tanto os ossos desengonse,  
Entrou a marinhar chiado acima  
P'ra sua estatua ver fundida em bronze:  
Examinou e disse: — «E' obra prima,  
Contos de reis custou — p'ra mais de que  
onze...»

Obrigou a nação a grandes gastos,  
Mas concedeu laurel a Victor Bastos!

Depois, serio attentou nos companheiros  
Imponentes com seus trajos antigos,  
E pasmou de ver caras de carvoeiros  
N'aquelles a que o rei dava bons figos:  
— «Que é isto? já não temos aguadeiros  
Para lavar a cara a estes amigos?  
Então as aguas do famoso Alviella  
Não chegam p'ra fazer uma barrella?!»

E depois o Camões veio ao Rocio  
Para ver o seu largo decantado;  
Entrou no Suíço; e, como estava frio,  
Bebeu quatro copinhos do abafado:  
A criadagem viu n'um corropio  
A servir o barão e o deputado...  
E ouviu falar do Franco *homens da tetra*,  
Na penca do Beirão... e tal etc.

E o Camões recolheu a seus penates,  
Levando por bagagem a saudade  
De não ter visto a casa dos orates,  
O mais bello edificio da cidade!...  
Ouviu falar da guerra dos tomates,  
Mas o caso julgou futilidade...  
E apenas perguntou, dando ao tuitico,  
Se ainda por cá havia muito d'isso.

SIMPLICIO.



**Uma plada fria**

Lisboa, nos ultimos dias, tem lembrado a Siberia, no quarto acto da *Ressurreição*, com uma casa fraca.

Tem estado um frio de rachar pedras, positivamente.

E tanto, que um dos membros da Real Associação dos Archeologos, encontrando-se com o nosso collega Brito Aranha, disse-lhe:

— «Estou receando muito que este frio nos rache alguns dos nossos monumentos!»



**O dono do Portugal**

Um telegrama, da Havas informa que o Rei de Inglaterra fará na proxima primavera uma nova viagem pelo Mediterraneo, vindo outra vez a Portugal, onde passará alguns dias.  
Eduardo VII considera-nos já uma das suas quintas.

**Prosa e esuocar**

Saudando o novo anno em que já vamos entrados, começava assim um artigo do nosso presado collega de *Diario de Noticias*:

«Bom costuma chamar-se ao novo anno que chega sem que saibamos ao certo o que elle será para todos. Bom se chamou já ao de 1904, só vindo a conhecer-se, com exactidão, da sua bondade quando decorridos os 365 dias; bom, quando ainda não sabiamos que no seu reinado se daria a horrorosa hecatombe do Extremo-Oriente, resultante d'essa lucta gigantesca que elle lega ainda ao seu successor; bom se lhe chamou quando bom só foi para a minoria, porque em maioria estão sempre os infelizes...»

Tanto bom-bom, tanto bom-bom!  
Não é um artigo de jornal. E' um artigo de confeitaria.



**Nas entrelinhas**

Na recepção realisada no Paço da Ajuda, em dia de anno bom, o Sr. Antonio de Azevedo, como presidente do Municipio, leu a El-Rei uma allozuição, que dizia assim:

— «Começa hoje um novo anno do reinado de Vossa Majestade, e a Camara Municipal de Lisboa tem a honra de prestar a Vossa Majestade, a Sua Majestade a Rainha, e a toda a Familia Real, a homenagem dos cumprimentos de boas festas, exprimindo o mais vehemente desejo de que, no decurso do novo anno, Vossa Majestade, no augusto exercicio das funcções de Chefe do Estado, só tenha motivos de contentamento...»

Parece que a Camara faz votos por que El-Rei volte a passar no estrangeiro todo o novo anno.



**Boato infundado, mas com algum fundamento**

Por occasião das festas do Natal, desejou o Dr. Ricardo Jorge voltar ao Porto, e a alguem o disse. Tanto bastou para que os jornaes affirmassem correr grave perigo o estado sanitario d'aquella cidade.

Num dos ultimos dias, porém, o *Diario de Noticias* inseria a seguinte noticia tranquillizadora:

«Consta-nos que nas estações officiaes foram recebidas informações de que a doença reinante no Porto foi classificada de pneumonia infecciosa, não havendo motivo para sobresaltos, e não julgando o governo necessario tomar providencias extraordinarias.»

Efectivamente, o Dr. Ricardo Jorge tinha mudado de idéa, e passara as festas com a familia, em Lisboa.

**A dególa**

São suprimidas as inspecções geraes do Thesouro e dos Bens Nacionaes. Assim o dizem as folhas affectas ao governo.

Supprimir as inspecções é o menos. O peor é supprimir os inspectores.



**Quadrupla vista**

Affirma-se que um dos novos pares do Reino nomeado, para uma das desoitto vagas que existem na respectiva Camara, será o Sr. José Dias Ferreira.

Como se sabe, o Sr. Dias Ferreira tem o habito politico de ver tudo pessimico, e o defeito visual de ver tudo em duplicado. Onde toda a gente vê um perigo, elle vê logo dois perigos. Onde qualquer de nós descobre uma pouca vergonha, elle descobre immediatamente duas poucas vergonhas. Felizmente para todos os governos que até agora o tem aturado no Parlamento e na Imprensa, elle era — um só. Se fazem porém d'elle um par, estão bem servidos. Já ninguem poderá levantar um dedo, sem que elle desate logo a berrar que está vendo quatro dedos no ar!



**EXPEDIENTE**

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes das provinciaes, de que mandamos para cobrança ás diferentes estações postaes, — os recibos das suas assignaturas, que all poderão ser pagas.

Lembramos que a demora no pagamento causa nos graves transtornos, e obriga a devolução dos recibos, o que vem augmentar a despesa das estampilhas.

Estão promptas e á disposição dos srs. colleccionadores, as capas para o 2.º anno d'este semanario. O seu preço, como nos annos anteriores, é de 700 réis ou 740 — pelo correio.

Todos os pedidos, tanto os dos srs. colleccionadores, como os de revendedores, devem ser dirigidos ao sr. Paulino Ferreira, Rua Nova da Trindade, 126, Officina de Encadernação.

Egualmente os nossos agentes deverão fazer as suas encomendas áquelle sr. que as satisfará nas condições usadas por esta administração nos demais annos.

# O BOLO-REI



PARODIA AO LEONARDO DE VINCI

M. GUSTAVO 905

**A fava d'este anno**

Typos do povo

## A OVARINA

Ella ahí vae a correr, dando á canella,  
Pé nú e braço nú, gentil e forte;  
Baronezas, talvez, encaram n'ella,  
Invejando-lhe os dons que tem da sorte!

E' alto o seu pregão, galharda a pose,  
Se bem supporta o sol, melhor o frio;  
Alli não pôde entrar tuberculose,  
Mostra-se a força d'um pulmão sádio.

Não conhece a cozinha afrancezada,  
Come as berças da terra, o pão de milho;  
Porém sempre, n'essa época marcada,  
Para soldado á patria offerta um filho.

Ri da moda oppressora; alegre canta  
Cantigas que aprendeu da avó e mãe;  
Ao desponar da aurora se levanta,  
E espalha o seu pregão por'hi além.

Nunca espera que o pobre do marido  
Parcos vintens lhe traga p'ra o jantar;  
O seu corpo, na lida endurecido,  
Quando precisa não sabe-o ganhar.

O' vós á quem o amor cego allucina,  
Attentae na mulher, nunca pesada;  
De que vale casar co'uma menina  
Que toca piano... e que não faz mais nada?!

A arte da réclame

Precedendo a representação de uma peça de Perez Galdós no Theatro D. Amelia, os jornaes de larga tiragem têm-nos apoquentado o bicho do ouvido com réclames ao auctor e á peça, mas réclames no genero dos do nosso annunciante Turco do Calhariz, que toda a gente lê desde o principio até ao fim, sem descobrir o truc senão no ultimo momento, quando já não pôde fugir-lhe.

Uma d'estas manhãs, lendo um d'esse jornaes, pensávamos justamente que a empresa do Theatro D. Amelia conseguira descobrir maneira de suplantar com os seus os réclames do Turco, quando se nos depára o seguinte, ao alto d'uma columna da primeira pagina:

«O avô de Perez Galdós

No expresso de Madrid, chegou hontem a Lisboa o Avô do tão illustre quanto festejado dramaturgo Perez Galdós. Aguardava a sua chegada na estação do Rocio o activo secretario da empresa do Theatro D. Amelia, Antonio Manoel.

O venerando ancião saiu hontem mesmo a dar um passeio pela cidade, com a qual está encantado, sendo-lhe indifferente o muito frio que tem feito nestes ultimos dias, pois foi seu primeiro cuidado logo que chegou a esta capital o dirigir-se ao Turco do Calhariz, onde comprou um dos confortaveis gabões de Aveiro que ali se vendem.

Isto é que é exemplo de verdadeira solidariedade no annuncio!

Como se escreve a historia

O nosso velho amigo Eduardo Costa, proprietario da popularissima fabrica de bolachas á Pampulha, distribuiu um bonito calendario para este anno a todos os seus freguezes. Encima-o delicado chromo reproduzindo aquella immorredoura scena da nossa historia, em que Filippa de Vilhena arma seus filhos cavalleiros.

A relação do facto historico com a excelencia dos productos que Eduardo Costa põe á venda, é por elle explicada nos seguintes termos aos seus freguezes mais intimos:

— «Os rapazes eram muito gulosos, e a mãe, para lhes dar mais animo, dizia-lhes assim em altos brados:

«Ide, meus filhos, ide! que eu vos mandarei comprar uma lata de bolachas á Pampulha, se voltardes victoriosos!»

Piedade e estatistica

As subscrições que os jornaes de Lisboa abriram nas suas columnas em favor dos pobres, por occasião das ultimas festas do Natal e do Anno Bom, produziram d'esta vez muito menos que nos outros annos.

Uma folha catholica procura explicar o facto desolador por deducções de ordem economica, e accusa todos os governos de culpabilidade na tristesa das nossas circumstancias pecuniaras.

A mesma folha insere, porém, logo adiante, a continuacão da lista dos subscriptores para o monumento á Immaculada Conceição, com o que destróe pela base os seus anteriores argumentos.

Não se trata de uma questão de bolsa. Trata-se de uma questão de coração.

Opinião autorizada

Acha-se em Lisboa um illustre hespanhol, o Sr. Nombela y Campos, lente da Universidade de Salamanca, que aqui veio em commissão especial do governo do seu paiz, para vêr de perto a organisação escolar do nosso.

Interrogado por um repórter a respeito do que tem visto, teria dito o Sr. Nombela:

— «La organisação de vuestras escuelas poco tiene que ver; pero la desorganisação es grandiosa!»

O Hymno do Trabalho

O correspondente de Esposende para o *Diario de Noticias* informa que as obras de construcção da nova estação local de soccorros a naufragos vão muito adiantadas, trabalhando diariamente no serviço de aterro dos alicerces, cento e cinquenta mulheres.

Assim se explica a ociosidade de tantos homens.

Um pasadão

Os nossos collegas da *Tribuna* resolveram mudar a hora da publicacão d'aquelle jornal. D'oravante deixa de apparecer á tarde. Passa a sair de manhã.

E' para começar mais cedo e descompôr o governo.

Alto lá

Um dos bons propagandistas  
(Chama-se elle o senhor Bentes)  
Quer acabar co'os chupistas!...  
Faça antes fogo de vistas  
Por que isso lá... é que nentes.

Acabe com o tabaco,  
Acabe com o café;  
Mas não me seja velhaco!...  
Que seria do homem fraco  
Sem o licor de Noé?...

Acabe com os romances,  
Com o theatro jucundo,  
Co'as tragedias d'altos lances...  
Mas, ó homem, nunca avances  
Contra a alegria do mundo!...

Não vês que quem paga ao fisco  
Fica assombrado de raio?!  
Se não chupa o tal petisco,  
O pobre homem vê-se em risco  
De ter um grande desmaio!

Andas em fraça maré  
E não percebes cá d'isto  
De pôr a mona ao Zaré!  
Não vês que do vinho até  
Se faz o sangue de Christo?!

Noé foi um patriarcha;  
Elle é que inventou o vinho  
Antes de fazer a arca...  
E a santa egreja lá marca  
O dia de S. Martinho!

Tambem faço propaganda,  
Dizendo á gente caixeira:  
— «Deus que o deo, hebel-o manda...  
Vamos todos á Outra Banda,  
E elle vá lá... onde queira.»

Capas para encadernação

DA  
**PARODIA**

OFFICINA DE ENCADERNADOR

FUNDADA EM 1874

**Paulino Ferreira**

126, Rua Nova da Trindade, 126  
LISBOA

Esta officina tomou sobre si, de accordo com a Empresa a venda das capas *Parodia Comedia Portugueza*, onde de hoje em diante podem dirigir os seus pedidos de capas, mantendo os meus contractos que a antiga empresa mantinha com os seus agentes, assim como recebe os volumes para metter na capa ao antigo preço de 200 réis. Esta casa incumbem-se de todo o trabalho que diz respeito a encadernação.

**CASA NOVAES**

Espelhos, estampas e molduras, objectos para brindes do Natal, dias de festa e d'annos, grande sortimento. Carteiros e malinhas para senhora. Todos os dias se dão senhas do.

**BONUS UNIVERSAL**

Esta casa é a unica que vende a machina de escrever ODELL, pelo preço de 300000 reis, a mais pratica e solida.

**CASA NOVAES**

158 - Rua da Palma - 102

(Junto ao theatro do Principe Real)

**HAVANEZA DE S. PAULO**

As sortes grandes vendidas n'esta feliz casa no anno de 1904 foram:

8 de Janeiro.....	246	30:000\$000
15 " " .....	491	12:000\$000
28 " " .....	1529	12:000\$000
12 de Fevereiro....	2746	12:000\$000
19 " " .....	4073	12:000\$000
18 de Março.....	225	12:000\$000
29 " " .....	313	40:000\$000
20 de Abril.....	5040	12:000\$000
25 de Maio.....	4245	12:000\$000
8 de Junho.....	5407	60:000\$000
15 " " .....	2252	25:000\$000
30 " " .....	1277	12:000\$000
14 de Julho.....	3573	12:000\$000
21 " " .....	388	12:000\$000
4 de Agosto.....	2109	25:000\$000
11 " " .....	2586	12:000\$000
18 " " .....	904	12:000\$000
1 de Setembro...	2353	12:000\$000
22 " " .....	3064	12:000\$000
3 de Dezembro...	7197	12:000\$000
22 " " .....	6782	30:000\$000

A proxima extação é a 11 do corrente premio maior 40:000\$000 réis. Em todas as loterias tem esta casa um variado sortimento de bilhetes e cautellas de todos os cambistas. Fornece para revender. Pedidos a Antonio Joaquim Pina - Rua de S. Paulo n.º 75 e 77 - Lisboa

**A LUVA VERDE  
CHIADO, 29**

Os operarios luveiros em sociedade. Limitando-nos apenas a tirar as nossas feiras semanais independente e o motivo pelo que podemos vender aos preços seguintes:  
Lavas de pellica, 1.ª, 3 botões..... 380  
" " Suede, 1.ª, 3 botões..... 850  
" " á Ingleza, 1.ª..... 670  
" " superior..... 750  
" Inglezas importadas..... 13650

**A LUVA VERDE  
Chiado, 29**



Peço a V. Ex.ª a fineza de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

**Sortes grandes**

Vendidas na casa

DE

**VIERLING & C.ª L.ª**

44, Rua do Arsenal, 44

(Esquina do Largo do Pelourinho)

**Durante o mez de Dezembro de 1904, todas em bilhetes inteiros.**

3305, 22 de dezembro

150:000\$000

6339, 22 de dezembro

10:000\$000

84, 31 de dezembro

50:000\$000

Ou seja distribuidos no pequeno espaço de 9 dias só em premios grandes a bella cifra de

**210:000\$000**

Grande sortimento para a primeira loteria do anno que se extrahé no proximo dia 11 de janeiro com o premio grande de

**40:000\$000**



**ORTHOPEÐIA**

**CASA ESPECIAL DE FUNDAS e aparelhos orthopedicos DE MANUEL MARTINS**

FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS DE SAÐDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SECCORROS MUTUOS, ETC.

154, Rua da Magdalena, 154-A

(ANTIGA Calçada do Caldas

Proximo ao Largo de Santa Justa) - Lisboa

**UM CONSELHO D'AMIGO**

Uzae, se soffreis de qualquer das doencas abaixo innumeradas, o depurativo **Dias Amado** esse preparado cujos effeitos tem assombrado milhares de doentes condemnados a soffrerem eternamente. Para que vos fique desde logo a convicção intima de que estaes em presença do unico remedio que vos pode garantir uma cura e consequentemente a tranquillidade do vosso espirito do de todos os membros da vossa familia use como experiencia, apenas 3 frascos, que elles serão sufficientes para que encontreis o caminho rapido e certo do restabelecimento. Garantimos a vossa cura nas seguintes doencas: Utero e ovarios, tumores rheumatico, syphillis, chagas, escrofulas, olhos, feridas e diabetes e em todas que provenham de impureza de sangue.

Deposito Geral - Pharmacia Ultramarina

RUA DE S. PAULO, 101, LISBOA

Preço de cada frasco, 10000 réis

**Ourivesaria e Relojoaria**  
com officina annexa de fabrico e reparos

**FLORINDO**

JÓIAS COM brilhantes  
PREÇOS Limitadissimos  
99, RUA AUREA, 99

**Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes**

Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e do Minho e Douro.

Aviso ao publico

Por accordo entre as administrações combinadas é annullada, desde 1 de janeiro de 1905, a tarifa especial M. D. L. N. S. S. n.º 1 de grande velocidade, em vigor desde 10 de março de 1879, para o transporte de passageiros entre varias estações das linhas do Sul e Sueste e do Minho e Douro, via Lisboa-Barreiro.

Pela via Vendas Novas Setil são vendidos bilhetes directos e despachadas bagagens entre todas as estações das duas rédes pelos preços das Tarifas Geraes.

Lisboa, 2 de dezembro de 1904.

O director geral da Companhia - Chapuy.

**CASA PORTUGUEZA**

Papelaria e typographia

**José Nunes dos Santos**

Successor de MANUEL DA SILVA

N.º telephonico 220 - Endereço telegraphico Papeltypo

PAPELARIA

TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho e todos os artigos precisos nas escolas.

Trabalhos typographicos em todos os generos. Impressões a cores, ouro, prata e sobre setim.

Papelaria: Rua de S. Roquo 139 e 141

Officina typographica: R. das Caveas, 69

LISBOA

**CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL**

**Gaston Piel**

Das 9 da manhã ás 5 da tarde

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

**Callista pedicuro**  
**JERONIMO FERNANDES**  
Empregado da casa Ornellaes R. SERPA PINTO, 44, 1.ª

Frete para o Chiado  
EXTRACÇÃO de callos e E dessecamento de unhas pelos mais modernos processos até hoje conhecidos.  
Pede-se ao publico que visite este consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.  
Das 9 da S da tarde

**Taboletas**  
Em todos os generos  
**Francisco Santos**  
R. Gremio S. Paulo, 113

# A REVOLUÇÃO LIBERAL NA RUSSIA

O URSO E O DOMADOR



As feras mais submissas tem o seu dia de revolta